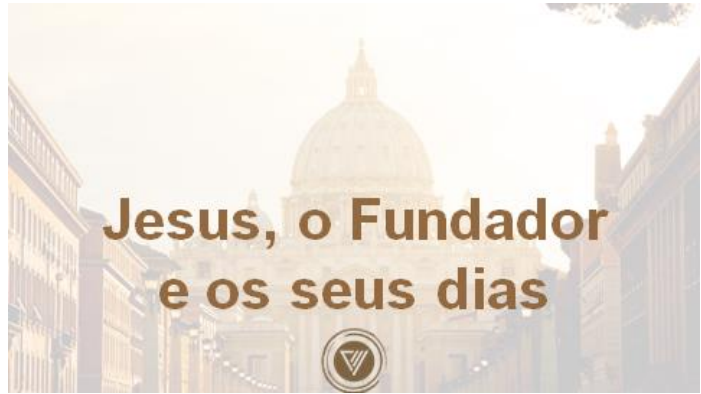
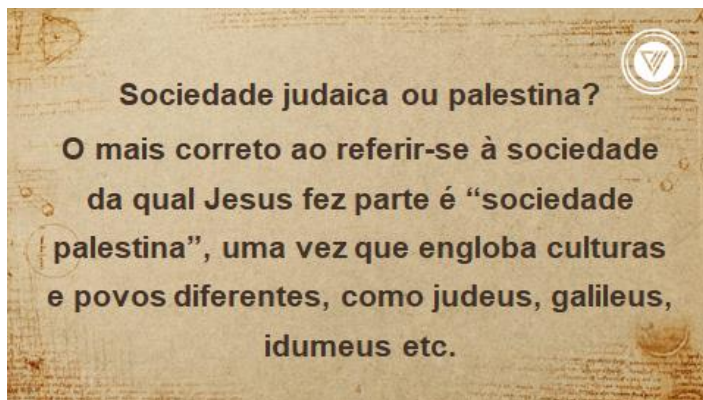


O tema do estudo de hoje é ...

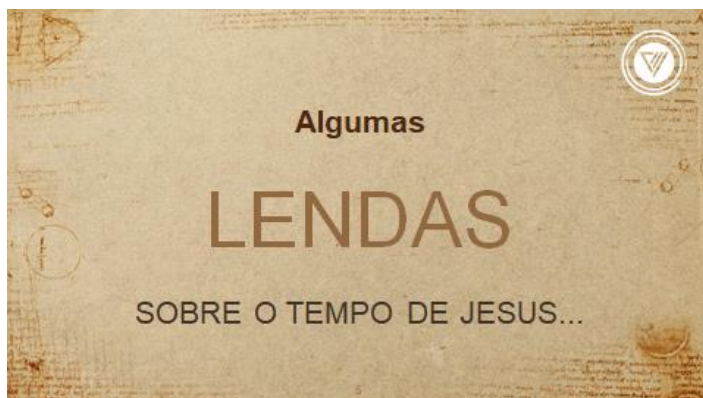
O contexto em que Jesus nasceu, no século I, é o que vai nos ajudar a entender do que vem depois.



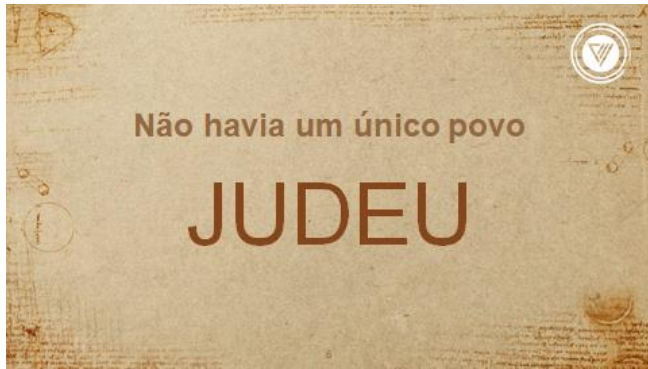
Vamos começar com uma passagem sobre a sociedade do tempo de Jesus, a Palestina, que é um conceito importante, não se fala Israel, não se fala Judá, é Palestina. Vamos ver o por que.



Sabemos que Jesus não era do território de Judá, era um descendente, Jesus falava outra língua, pertencia a outra região administrativa, por isso é importante termos essas diferenças em nossa mente, e ficar muito claro essa informação, para que nos faça mais sentido, por isso falamos, sociedade palestiniana ou Palestina.



Há três lendas muito correntes na vida das pessoas no tempo de Jesus.



Uma delas é que havia um único povo judeu. Isso não é verdade. Não havia só uma fé? Isso também não é verdade. Mesmo entre os apóstolos, havia aqueles que pertenciam a correntes diferentes.



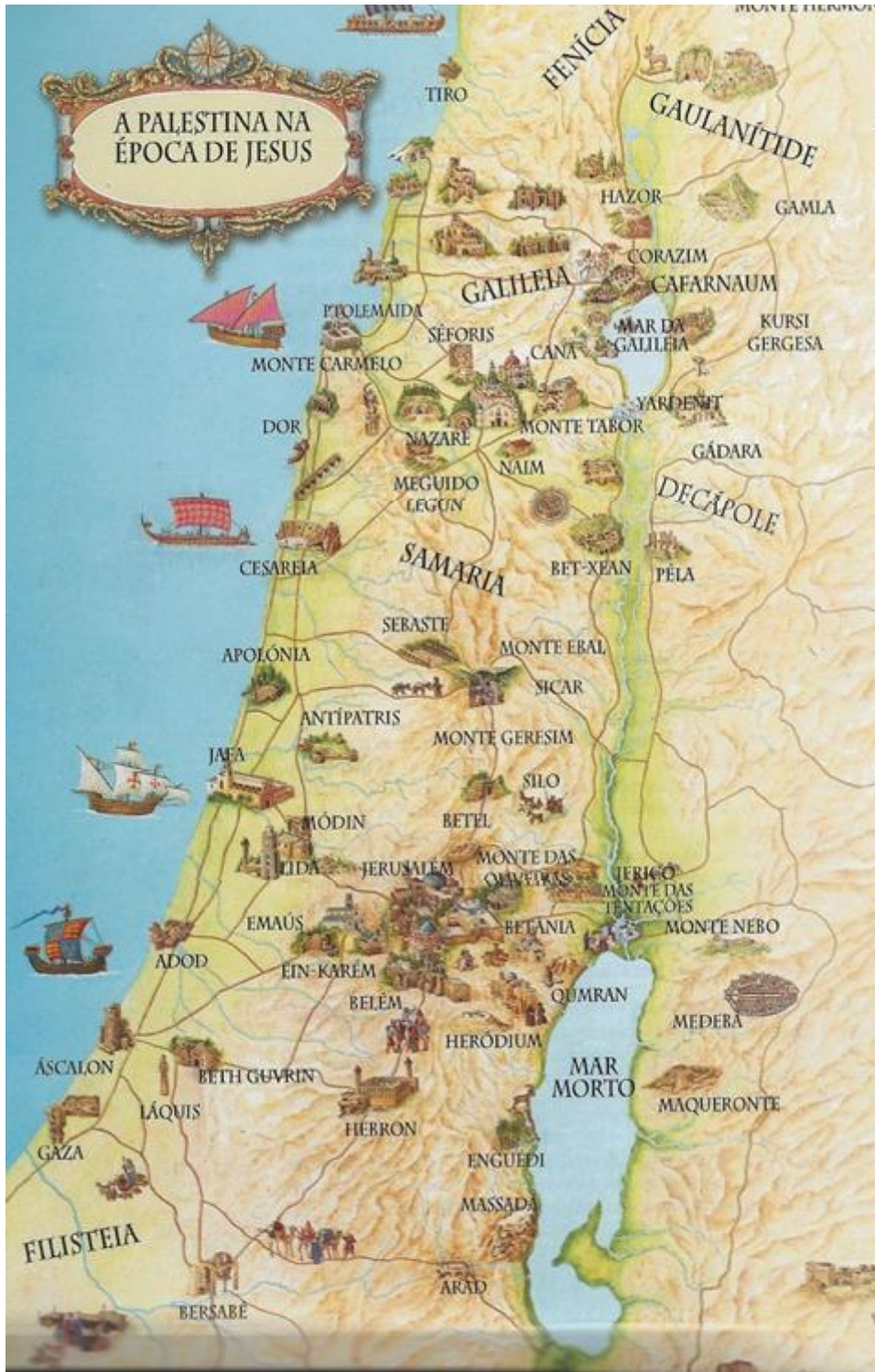
Esta é outra questão, não havia uma religião só, o judaísmo ainda não estava definido, ele ainda estava muito dividido. Era uma religião recente demais, com pouco tempo de existência, e, portanto cheio de lacunas.



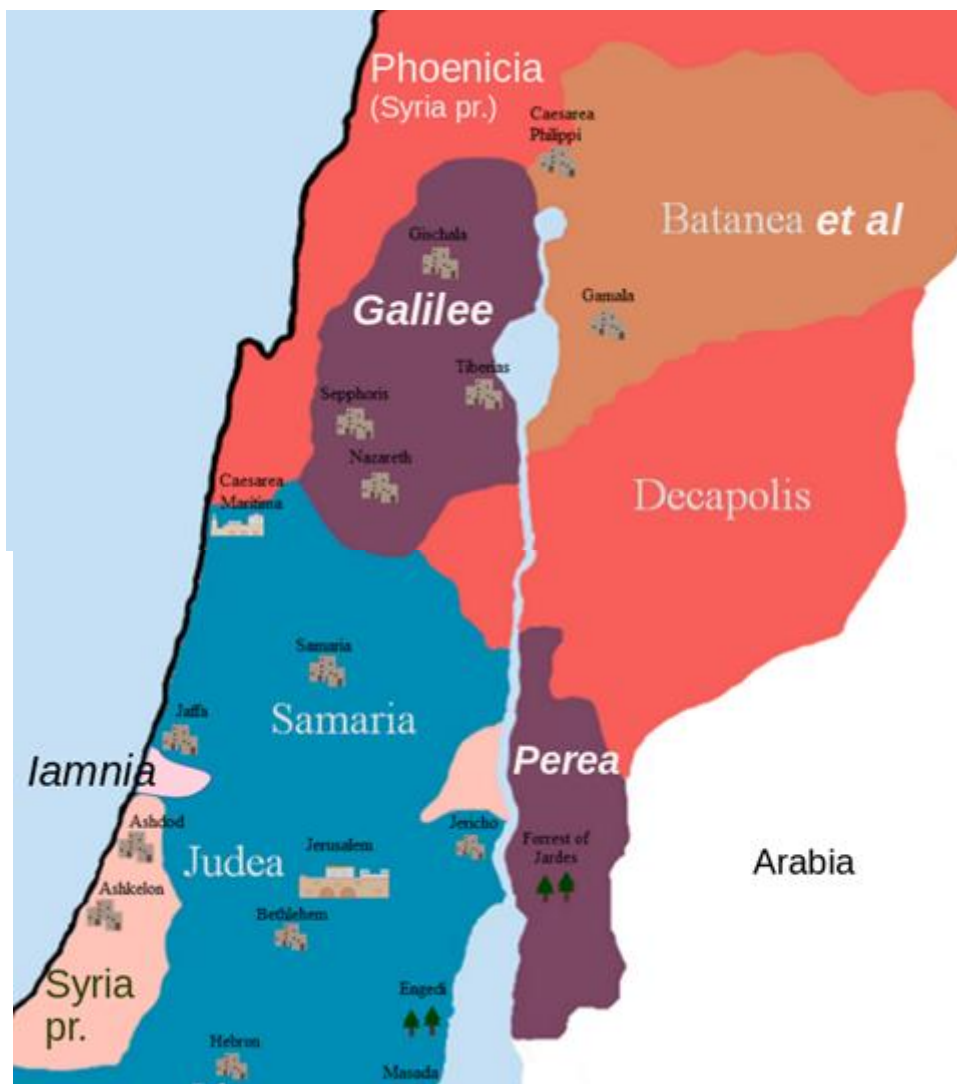
Não havia uma única língua também. Haviam várias línguas faladas naquela pequena região.



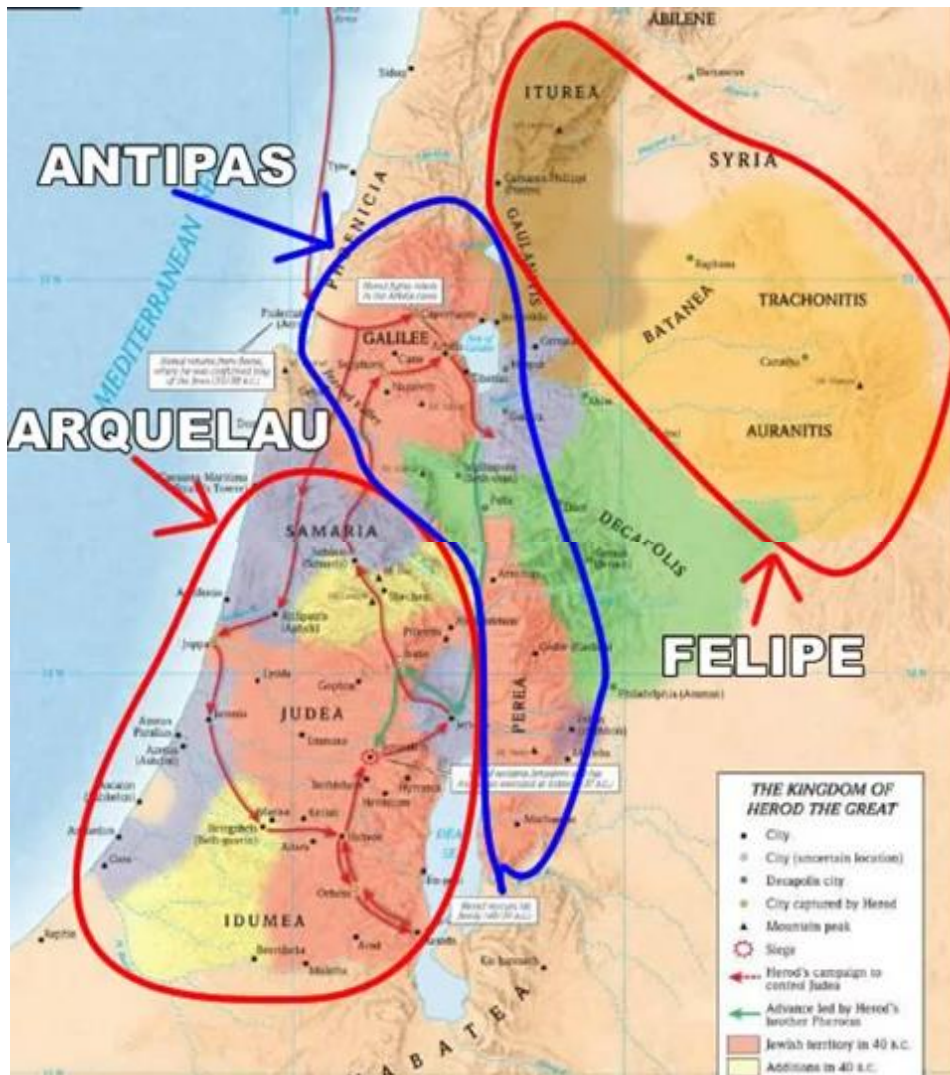
Nós imaginamos aquela região dessa forma aqui, igual vemos no mapa abaixo



Imaginamos uma grande planície, ou uma unidade territorial, de frente para o Mar Mediterrâneo, onde todo mundo transitava. Na parte superior vemos a Fenícia, a Galileia. Ao centro do mapa vemos a Decápole, a Samaria. E na parte inferior do mapa vemos a Judéia.



Não é bem assim com essa liberdade, mas talvez, poderia ser mais detalhadamente expresso dessa forma. Cada região dessas é uma província, com costumes próprios, com culturas diferentes, mesmo dentro dela.

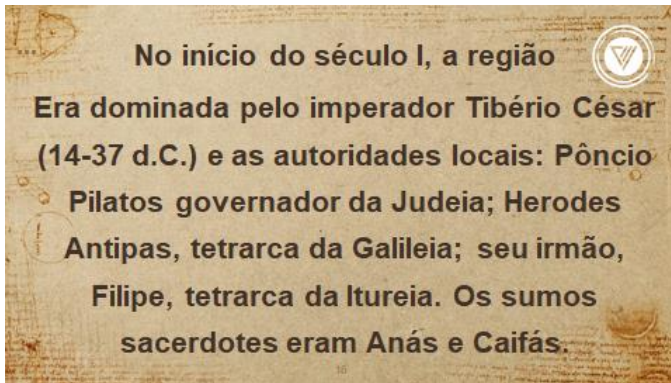


Vemos por exemplo no mapa, o que está em vermelho, era controlado pelo Império Romano, depois tem a Galileia, a Samaria, a Judéia e a Peréia.

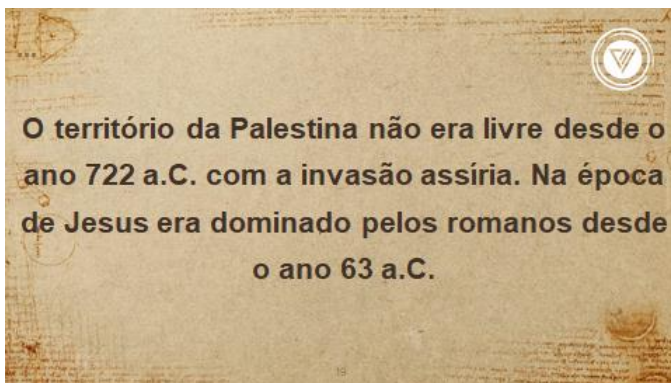
Aqui vemos uma divisão e vemos os nomes dos Herodes que governavam. Haviam vários Herodes, como vemos na Bíblia, haviam pelo menos cinco Herodes.

Herodes Antipas que governava o norte, Herodes Arquelau que governava o centro, e Herodes Felipe que governava o leste, onde estão ali as cidades próximas da Decápole.

Então não havia um só Herodes, uma só cultura, e havia também o poder Romano em meio a tudo isso. A sociedade da época de Jesus era extremamente diversificada, extremamente fracionada entre ela mesma, não era uma sociedade única.



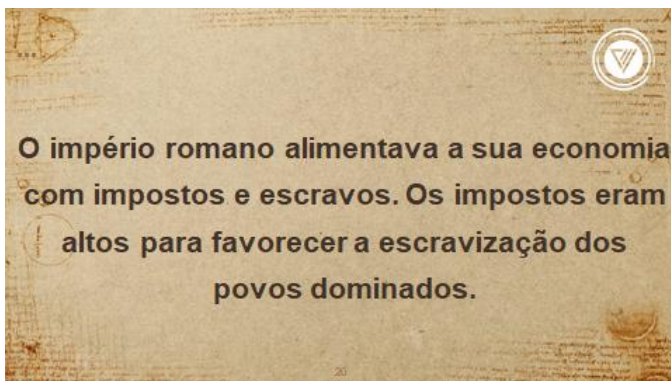
Assim como vemos no evangelho e rezamos no Credo, sobre Pôncio Pilatos, que governava a Judéia em nome de Roma. Havia outros tetrarcas por ali.



Havia uma conjuntura que deixava aquela região muito difícil, era uma região extremamente explosiva, uma região marcada por muitos conflitos, e com uma pobreza muito grande, uma miséria extremamente perigosa para as pessoas porque cancelava várias regras básicas.

Um elemento ali tentava dar uma unidade de que era um filete de religião, não era a mesma religião que praticavam em Jerusalém não. Havia várias formas diferentes de praticar e havia outras religiões.

Nesta época quem acreditavam em Yaweh, o Deus de Jesus, eram poucos. Havia muitas cidades que tinham os seus templos para os deuses gregos, seus templos para os deuses locais. Havia cidades também que tinham sinagogas para o Deus de Jesus, chamado de Yaweh. Era uma coisa bastante difícil de ser entendida.



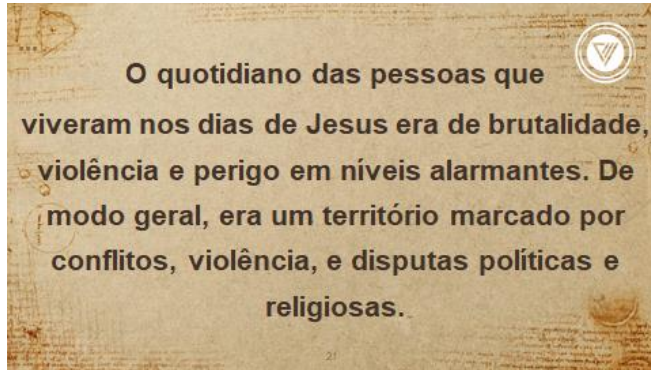
Isso é um dado muito importante, por que? Quando se fala de impostos e escravos, o Império Romano estava naquela região para manter a sua economia funcionando. Porque o Império Romano invadiu aquela região? Não foi só para aumentar o seu território. A economia romana começou a colapsar cerca de 400 d.C. Nessa

época o Império Romano estava consolidando a sua imagem visual, consolidando as suas narrativas de conquistas, consolidando as suas organizações jurídicas. Mas nessa mesma época

começa a ruína do Império Romano, não há muito mais aonde invadir para conseguir escravos, e também impostos.

Aqui o Império Romano está na terra, no território palestino para isso, para sequestrar pessoas. O Império Romano adorava uma revolta, porque era uma oportunidade ótima, e segundo a visão legítima da época, para sequestrar muitas pessoas e escravizá-las.

Então de vez em quando havia alguma revolta acontecendo naquele território, e eles tinham motivo para ter escravos entre as pessoas.



Aqui temos uma situação muito clara, se já não bastasse toda essa miséria, o templo de Jerusalém, era uma entidade não muito positiva. Parte dos judeus olhava com respeito, porque achava que tinha algum tipo de seriedade, outra parte dos judeus não gostavam realmente. Inclusive a região da Samária, tinha laços cortados com aquela religião do

Templo de Jerusalém, não tinham nenhuma comunicação, não gostavam. E havia mesmo outros que não levavam tanto a sério o Templo. Não é que o Templo fosse uma unanimidade.

O que era o Templo de Jerusalém? Era uma grande entidade financeira, um grande banco, porque nesse tempo os peregrinos que vinham de muitos lugares, aqueles peregrinos que são de origem judaíta, ou seja, da tribo de Judá, chegavam ali para fazer a sua oferta, para fazer o seu sacrifício, tudo era cobrado e bem caro. O templo era um banco, era uma casa de câmbio. Quem era judeu que morava no território Persa, tinha que trazer o dinheiro da Pérsia para trocar pelo dinheiro do templo, aí o templo ganhava sobre esse tipo de comércio. Quem era judeu de língua grega, trazia a moeda deles, a dracma, para trocar pela moeda do templo. Os dirigentes do templo ganhavam muito. Não era só um banco, não era só uma casa de câmbio também. O templo era proprietário de grandes fazendas ao redor da cidade de Jerusalém. Aonde criavam animais que deveriam ser abatidos no sacrifício.

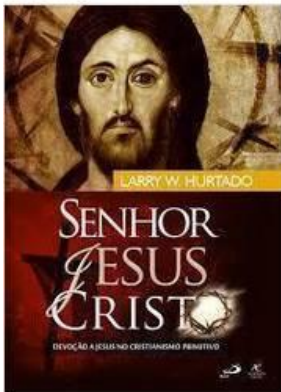
Como funcionava o sacrifício? O sacrifício era segundo tabelas, segundo estruturas conhecidas pelas pessoas na hessed, a 613 leis, de acordo com alguma falta cometida, com uma necessidade de bênção, as pessoas acabavam se baseando nessas tabelas, ou até sabiam de cor, o que deveriam oferecer para Deus. Então compravam o animal, e esse animal era oferecido em sacrifício.

E como era esse sacrifício? O sacrifício era realizado em um altar semelhante a uma pia de casa, e essa pia tinha exatamente um furo para que o sangue escorresse. O animal era degolado, o sangue caía, aí o animal era preparado, era assado, como em um churrasco (contexto para se aproximar da idéia). E o que acontecia com esses animais assados depois? A família do sacerdote tinha direito de comer desses animais.

É claro que havia uma dificuldade ali porque havia mais carne do que sacerdotes e famílias para comer, eles viviam dessa situação assim.

Então o Templo não era só um banco, não era só uma casa de câmbio, não era só um proprietário de fazendas, era também um açougue a céu aberto. O cheiro que exalava do Templo era muito forte, era um cheiro terrível, essa fumaça subindo com essas vítimas. Podemos ler os livros escritos por um historiador judeu chamado Flavio Josefo, ele dá muitas notícias a respeito da vida em Jerusalém.

Há outros relatos também, no Talmude da Babilônia, que é um livro que os próprios rabinos judeus escreveram a partir do século II, como eles guardaram a lembrança de Jerusalém. O templo era essa entidade.

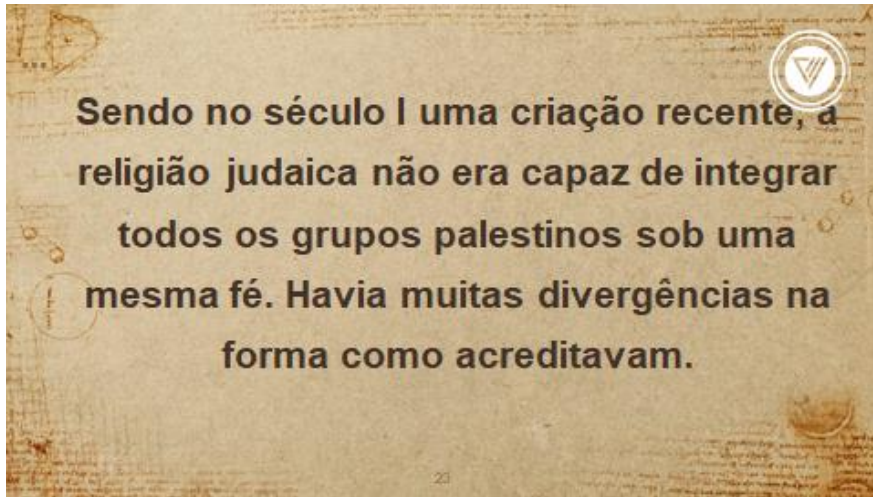


Outra bibliografia importante é *Senhor Jesus Cristo*, que vai nos dar esses detalhes também.

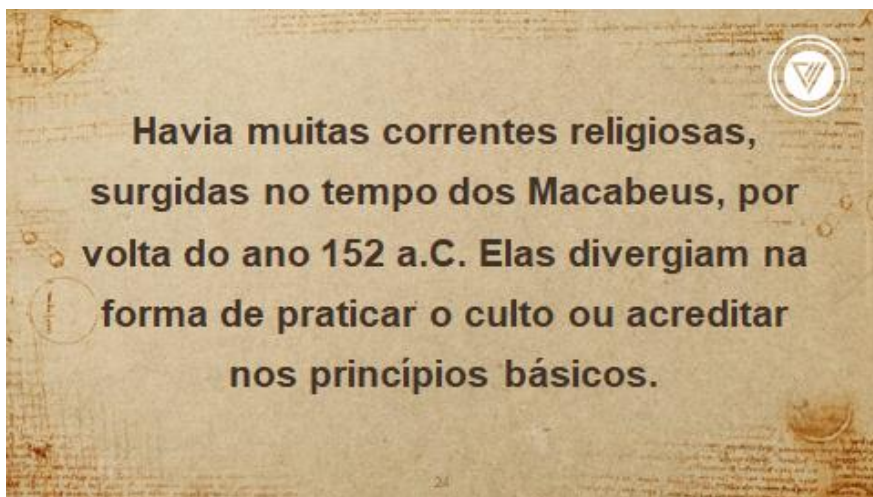
Tendo dado essas orientações, o templo era essa situação toda, muito complicada, entende-se agora porque Jesus vai até o templo e faz uma ação enérgica em certo momento, ele fica muito indignado com o templo. Os cambistas não eram outras pessoas, eram os sacerdotes e seus familiares. Eram um comércio que movimentava aquela cidade de Jerusalém.



Como seria correto falar, vamos gravar bem essa parte, é muito interessante.



Sendo no século I uma criação recente, a religião judaica não era capaz de integrar todos os grupos palestinos sob uma mesma fé. Havia muitas divergências na forma como acreditavam.



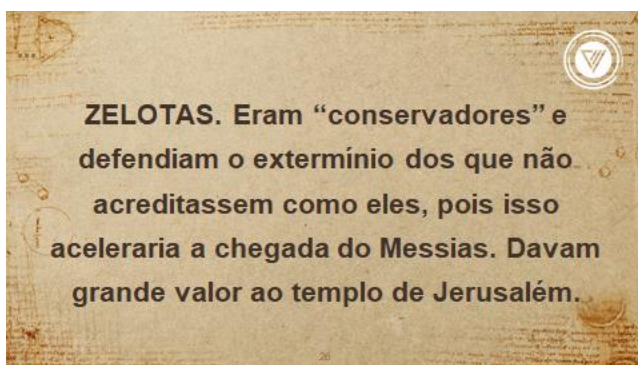
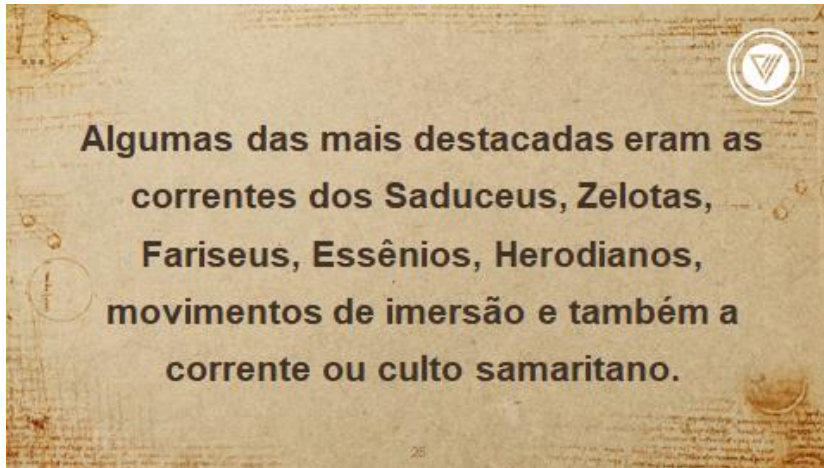
Havia muitas correntes religiosas, surgidas no tempo dos Macabeus, por volta do ano 152 a.C. Elas divergiam na forma de praticar o culto ou acreditar nos princípios básicos.

Por que surgiram várias interpretações na época dos Macabeus? Parte que eles estavam se libertando do domínio grego, então parte das pessoas acreditavam em um judaísmo meio misturado com idéias gregas. Outras acreditavam no judaísmo bastante materialista, que não levava em conta a vida após a morte. E outras tinham varias formas de entender o que era a religião, basicamente achando que, religião bastava ser o seguimento dos princípios por eles mesmos sem nenhuma mudança interior.

O judaísmo então, nesse momento que Jesus vive, não era uma religião unida, pelo menos o que chegou até nós, fragmentos do que teriam sido seitas dentro do judaísmo.

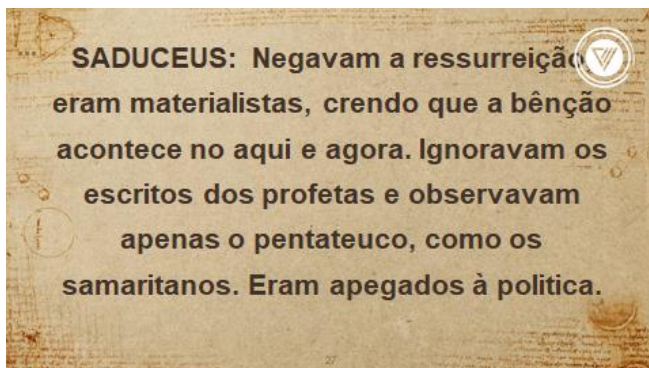
Como dentro do cristianismo, depois da igreja que foi fundada por Jesus, apareceram várias seitas, como os evangélicos, os pentecostais, os neopentecostais, todas as seitas muito divididas entre elas, na época de Jesus, também surgem seitas, ou melhor, surgem antes, mas se estabelecem assim e prosperam.

Vamos tomar nota das mais importantes que conhecemos, até porque é um conteúdo que conhecemos na época da Crisma.

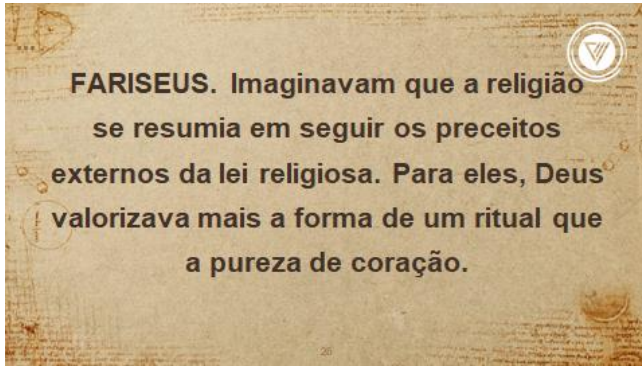


Os zelotas são famosos, eles têm esse nome que pode significar o zelo que eles tinham, ou pode significar alguma outra situação que veremos a frente, mas eram pessoas tidas como conservadoras, eles não aceitavam nenhuma mudança ou interpretação nova na lei e tinham uma posição radical, acreditavam que matar ímpios,

exterminar as pessoas que não acreditavam na fé judaica, por exemplo, os romanos e os gregos, seriam até bom porque, o Messias viria mais rápido, eles achavam isso.



Outro grupo que existe, muito falado nos evangelhos, são os saduceus, por serem um grupo muito curioso. Os saduceus não levavam em conta todos os escritos sagrados da Bíblia, eles apenas levavam em conta, como samaritanos, o pentateuco, e não acreditavam em vida após a morte. Eram materialistas, eles interpretavam a lei daquela forma.



O terceiro grupo, que é um grupo bastante importante, embora não tão numeroso, é o grupo dos fariseus. Eram rigorosos, bastante dados a práticas exteriores, eles gostavam de usar em seu próprio corpo, uma espécie de fitinhas de couro, contendo ali escritos da Torá, os chamados filactérios. Eles lavavam as mãos várias vezes ao dia, lavavam o rosto, lavavam

o cotovelo, havia uma série de rituais que eles praticavam. Mas eles não faziam muita questão de fazer reforma interior, a reforma da moralidade. Esse grupo aqui é importante porque eles são apegados também aos profetas, e serão esses daqui, quem vão depois, no ano 100, falar que o antigo testamento não tem 46 livros, mas 39 livros. Se algum cristão hoje tem uma bíblia com 66 livros é porque esse cristão está seguindo uma orientação dos fariseus. Então esse cristão que segue a bíblia de 66 livros, segue uma bíblia na verdade, com o antigo testamento moldado pelos fariseus.

Os fariseus são bem organizados, e vão criar as regras para uma religião que vai surgir depois, que é o judaísmo. Mas o judaísmo não tinha surgido antes? Ou está surgindo agora? Ela está surgindo agora, mas não tem o rosto único. Esses outros todos, a maior parte das pessoas, inclusive muitos fariseus, seguirão o Messias que chegou. Esta é uma compreensão muito clara.

Muitos historiadores imaginam ou fantasiam que quando Jesus veio, ele conseguiu apenas meia dúzia de pessoas para segui-lo. Não é bem assim a questão, Jesus conseguiu bastante seguidor, os evangelhos falam isso, os apóstolos conseguiram outros tantos, mas o número daqueles que seguiram Jesus, comparativamente aos que não quiseram receber o Messias, é grande, muito grande, um número expressivo.

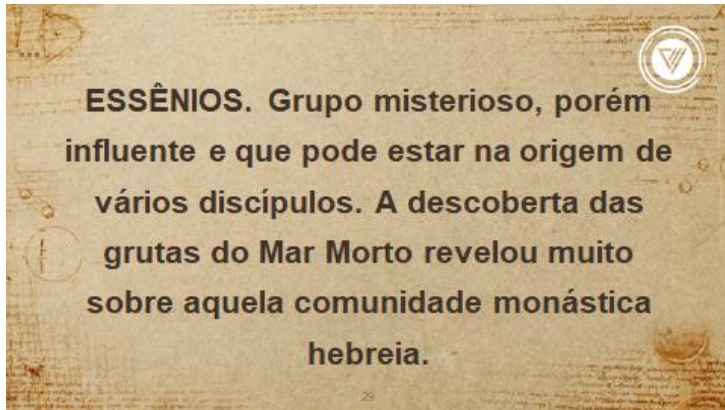
Fala-se que as igrejas do século primeiro, eram igrejas de famílias, eram igrejas de quatro a cinco pessoas. Pode ser, lembra que os judeus estavam em cidades onde eles eram a minoria, temos que se lembrar desses detalhes.

Só não podemos pensar, ou fazer deduções que não são lógicas. Repare que, até o século quarto, os seguidores de Jesus serão uma multidão muito grande, até o século terceiro, muita gente confunde os seguidores de Jesus com os judeus porque, ainda a maior parte desses seguidores eram judeus. Os apóstolos eram judeus, Maria e Jesus também eram. Eram de mentalidade, de algum laço cultural hebreu, e de algum laço religioso judaico.

De qualquer modo esse povo todo da Palestina, ainda estava consolidando suas crenças, que o Espírito Santo foi inspirando no coração deles e Jesus terminou de fazer essa consolidação. Depois de Jesus não vai mais ter esses grupos fariseus, saduceus, porque grande parte desse povo irá seguir Jesus. Os fariseus ainda continuam, eles foram um grupo que ainda não aceitaram, e são na verdade hoje, os judeus que existem na sua maior parte são

seguidores do apostolado dos fariseus, podemos ler isso no Talmude da Babilônia, e entenderemos o que está sendo falado.

Isso é um dado histórico, aquela corrente que se destacava que conversava muito com Jesus, que dialogava com ele, aquela corrente da qual Paulo de Tarso, ou melhor, Saulo de Tarso fazia parte, a corrente de Nicodemos, essa corrente que ganha uma consistência e se torna uma religião separada do tronco, praticamente criando uma narrativa própria e com base em narrativas anteriores. É importante falar dos fariseus, porque os judeus de hoje, são os fariseus.



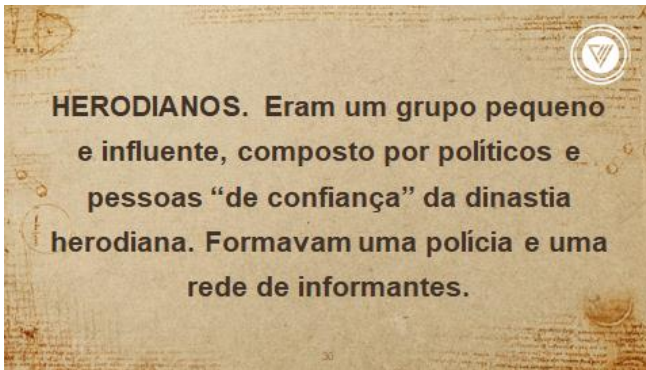
Os essênios é outro grupo interessante, há pessoas que acreditavam que São João Batista era essênio, esse grupo tem uma prática curiosa, eles fazem rituais batismais, rituais de purificação, vivem separados, pelo menos uma comunidade grande foi encontrada no Mar Morto, lá nas Grutas de

Qumran, na Cisjordânia, onde foi encontrado muitos livros do século primeiro, livros do Antigo Testamento, alguns manuscritos.

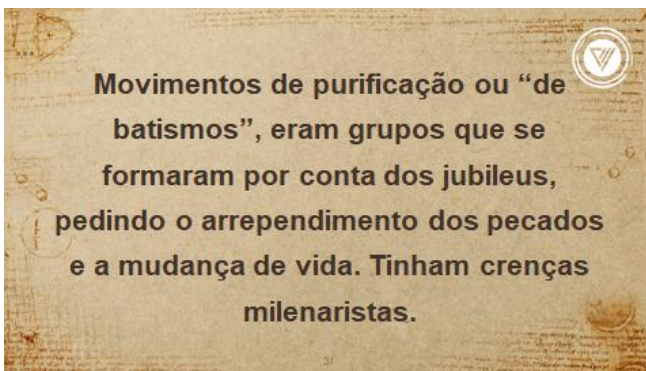
Eles viviam como se fossem monges, e deixaram então uma herança mais misteriosa do que uma herança muito clara. Não se sabem o que eles faziam ainda. Uma possibilidade muito grande que temos sobre os essênios, é que eles fossem pessoas ligadas a uma crença milenarista.

O que é uma crença milenarista? É aquela crença que acredita que o mundo está chegando ao fim, e é preciso se preparar para ele. Mas não é o único grupo milenarista que existe.

Há duas expressões aqui, os grupos messiânicos e os milenaristas. Os grupos messiânicos são aqueles que esperam algum tipo de Salvador, que vem no fim dos tempos. E os grupos milenaristas são uma variação dos grupos messiânicos, mas que acreditam muito mais em uma catástrofe gigantesca, em uma situação de grande consternação, num fim do mundo terrível, em um grande cataclisma, e que vai acontecer para aqueles que não se purificarem.



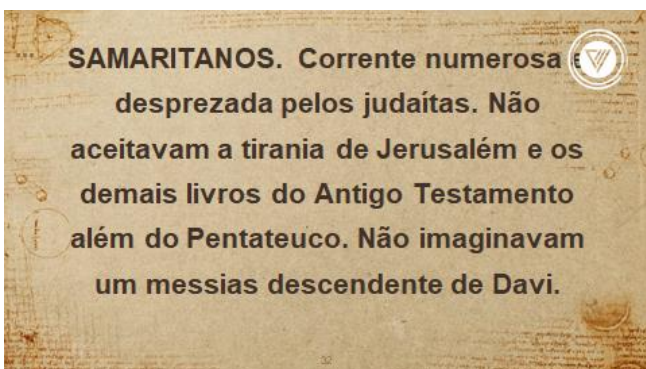
Os herodianos eram um grupo político pequeno, eram funcionários, eram polícia secreta, torturadores, eram ligados a um tipo de recebimento do Palácio, da dinastia de Heródes.



E finalmente grupo de purificação. Será que São João Batista participou desses grupos? Por quê?

João Batista tinha uma prática própria desses grupos também chamados de Movimentos Batistas. Pregava-se a conversão de vida e as pessoas depois de um banho batismal, mudava alguma coisa. Também tinham

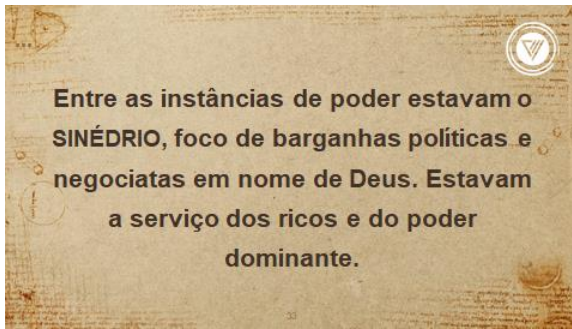
crenças milenaristas.



Os samaritanos não podiam ficar de fora. Os samaritanos também acreditam em Yaweh, mas tinham o seu próprio pentateuco, com alguns acréscimos, alguns estudiosos o chamam de Exateuco, porque contem seis livros, um livro a mais. Os samaritanos possuem um templo diferente do Templo de Jerusalém.

Eles tem outros lugares para prestarem o seu culto. Tinham um Templo em Siquém, a antiga capital da Samária, outro templo no Monte Garizim. Eles não levam muito a sério a conversa dos moradores de Jerusalém. Eles possuem os templos deles, e muitas pessoas frequentam.

O rei Josias e seus sucessores, embora não controlassem o território da Samaria, tentaram muitas vezes destruir o Templo de Siquém, porque possuíam uma concorrência direta. Na cabeça deles era muito difícil que o mesmo Deus pudesse ter dois ou três templos, eles achavam isso um absurdo, que era abominável. E o próprio templo de Jerusalém, assim como entrou para história, é uma construção pós Josias, uma construção que foi feita aos poucos, cheio de puxadinho, o grande reformador do templo é Herodes, que reina na época de Jesus. Foi Herodes que fez uma gigantesca reforma, e pela primeira vez, temos um templo melhor elaborado.



Se você não gosta dessa expressão, basta lembrar que o Sinédrio, foi quem condenou Jesus a morte, é o Sinédrio quem faz isso.



Agora vamos para uma questão muito direta, como era a vida de Jesus na época dele. Mas veremos com mais detalhes no ano que vem, quando faremos um curso de Cristologia.



Veremos uma rápida passagem sobre aspectos da vida de Jesus. Uma coisa que era interessante notar, que a expectativa de vida nessa época era extremamente baixa. Segundo o padre Armand Puig, ele poderia oscilar entre 30 a 40 anos no máximo. Tinham pessoas com 80 anos, mas eram muito raras.

A expectativa de vida não é a máxima de idade que as pessoas atingem, é o mínimo que a maior parte da população consegue viver na sua média. Então a cada 10 crianças nascidas, 8 morriam nos primeiros anos da infância, 1 morria até 15 anos e outras podiam durar um pouco mais, algumas delas chegariam até os 40 ou 50 anos.

Uma pessoa de 40 anos já era considerada uma pessoa idosa, nessa época de Jesus, muito idosa, muito enfraquecida, não teriam mais dentes, seriam repletos de situações como artrite, artrose, problemas na musculatura, problemas nos ossos, dificuldades diversas. E principalmente desnutrição, porque a alimentação era muito restrita.

Antes dos europeus passearem pelo mundo, invadindo e tomando as coisas, a alimentação naquela região toda, da Ásia, da Europa, desse médio Oriente, era uma situação de alimentação muito difícil, os alimentos não podiam ser trazidos de muito longe, nem todo alimento nasce em qualquer tipo de clima e terra também.

As pessoas eram presas muito fáceis de doenças que hoje nem são mais consideradas sérias. Mas naquela época elas morriam por coisas muito simples, por febre, por sarampo, coisas muito simples, e que teriam fácil resolução.

A vida era muito difícil por essas questões, mas não era só isso, também o trabalho era muito duro, o trabalho era extremamente difícil, com ferramentas muito arcaicas, e não havia

muito interesse em alguém pagar alguma coisa, para que você fizesse um trabalho, já que havia nessa sociedade, um componente que desestabilizava completamente a questão, que era a servidão, a escravatura. Quando se tem escravos, ninguém vai pedir para alguém fazer uma túnica nova, ninguém pedia para alguém construir uma nova casa.

É uma vida que não acontece, é uma vida que vai passando diante dos olhos das pessoas, ela não tem muita opção do que fazer ali. Se você tem uma casinha ali, se você tem uma caverna, que era uma habitação muito comum, então você poderia ficar muito feliz ali, porque ali pelo menos você tem um abrigo, tem sombra pelo menos. Água era uma dificuldade, alimentos era uma dificuldade, não havia medicação.

Mais um dado da época de Jesus, em uma situação dessa, as pessoas não tinham muito o que fazer, então era muito comum a venda de um membro da família, ou morreriam de fome, ou o exército viria roubar o menino, não sabiam o que podia acontecer, o dono do território poderia roubar as meninas, não era uma vida muito simples, era uma verdadeira selvageria. Isso está tudo documentação, não é invenção.



A Aldeia de Nazaré era outro ponto interessante, alguns historiadores divergem um pouco sobre a aldeia de Nazaré. Houve gente que já disse que ela era uma aldeia gigantesca, com cerca de 100 casas. Mas a maior parte dos historiadores, dizem que talvez havia ali na Aldeia de Nazaré, entre 30 e 60 casas, não muitas, com uma

população de talvez no máximo umas 200 pessoas, que eram parentes entre si, e se conheciam.

A Aldeia de Nazaré como muitas das vilas, dos vilarejos, naquela época na Palestina, era feita dos pedaços do que sobrava, não havia madeiramento, então as casas eram feitas com pedras irregulares. Tirem da sua imaginação, aquelas casinhas com as portinhas certinhas, não era assim não.

As ferramentas para deixarem as pedras quadradas, eram muito caras e difíceis de serem encontradas, era uma coisa que só os reis tinham acesso. Então as casas eram feitas assim, sendo colocadas pedras que eram achadas, encontradas, porém as pedras por outro lado, não eram muito firmes, eram pedras porosas, e portanto, o teto era baixo e em cima desse teto era construído, com algum tipo de sustentação, um terraço, com um cômodo só, que podemos chamar de sala, não muito grande, variante entre 3 e 6 metros, essa ai era a casa que toda pessoa poderia ter.

Em Nazaré há uma inovação, Nazaré foi feita na encosta de um morro, e as pessoas construíam esse cômodo único, construíam terraço, com suas próprias mãos ou com o auxílio de colheres, elas escavavam na rocha, desse pé de serra, escavavam ali essa gruta, que tinham uma ampliação da sua própria casa.

HISTÓRIA DA IGREJA – JESUS, O FUNDADOR – Conferência V – 13/03/2024

Aconteceu uma vez, dos arqueólogos encontrarem uma casa em Nazaré, que tinha muitos cômodos, vários cômodos, algo entre 4 ou 5 cômodos, mas era uma raridade. Todas as outras casas eram uma única peça, essa era a Vila de Nazaré.

Havia um lugar que chamavam de Sinagoga, mas lá não haviam escolas, nem fábricas, nem comércio, nada. Curioso que distante, a cerca de 3 a 5 km, vista a distância, está a cidade de Séfores, uma cidade de pedra, uma cidade grega, com o teatro a céu aberto, com ruas calçadas, com casas de vários pavimentos, com templos dos deuses gregos, com fontes no meio da praça, com iluminação a óleo. Esta é a cidade de Séfores, uma cidade muito poderosa, uma cidade brilhante. Ela foi construída em cima de uma cidade judaica que fez uma rebelião contra os romanos. Os romanos foram lá e construíram outra cidade, derrubaram tudo, escravizaram as pessoas e fizeram uma cidade nova, uma cidade que chamamos de cidade grega, porque a cultura daquele local, a cultura predominante da elite era a cultura grega.

Essa cidade ficava na Galiléia, era uma cidade romana, Séfores é um nome grego, os judeus a chamava de Zípore, em hebraico significa pequeno pássaro, alguns pensam que poderiam ser uma alusão por ser um lugar mais alto da Galiléia, ou também, a uma referência ao nome da esposa de Moisés, Zipore, como mencionam na bíblia. (informação retirada do vídeo do arqueólogo Rodrigo Silva)

Essa época era muito difícil, as pessoas não possuíam muitos utensílios nas casas, talvez duas ou três vasilhas. A Janice perguntou, um cômodo tão pequeno, como todos dormiam e comiam? Eram feito tudo ali, dormiam em esteiras, não haviam mesas, mas como era de costume oriental, todos comiam pegando de um recipiente central, com a própria mão direita. A mão direita é muito importante e deve estar sempre limpa, com a mão direita as pessoas comiam junto ali do recipiente central, basicamente uma comida que seria uma espécie de pão sírio, que a pessoa molha em um tipo de caldo e come, ou também uma espécie de virado, um alimento cheio de outros alimentos que sobravam, coloca-se tudo ali. Basicamente era constituído de trigo, com pedaços pequeninos de alguma carne de algum pássaro, algum peixe ou assim por diante.

Com a mão direita comiam, com a mão esquerda limpavam-se, e nas culturas dessa região até hoje, é um problema quando, ainda nos países árabes ainda tem essa disciplina, quem rouba tem a sua mão direita cortada, não é por acaso, pois quando se corta a mão direita da pessoa, como ela vai comer junto com as outras pessoas usando a mão esquerda, a qual ela se limpa. Na verdade é uma penalidade pior do que colocar a pessoa em um presidio.

Nessa época já havia essa disciplina, para os ladrões o Talmude ensina corte a mão direita, a pessoa ia ficar excluída e em pouco tempo ela morria, porque ela não poderia comer mais junto com os outros. E o comer para esse grupo de pessoas é muito importante, é um aspecto muito central.

Dois alimentos aqui então tem uma significação grande. O pão é universal, todos tem o pão como base do alimento, mas o vinho não tanto. O vinho não circula em todos os vilarejos, essa é uma verdade. O vinho mesmo acontece de ter basicamente na Páscoa, não era um alimento do dia a dia. Não tinham vinho, não tinham azeite, não tinham outras iguarias, não tinham assados, não eram coisas do mundo das pessoas comuns.

A pessoa comum tinha basicamente um pão achatado sem fermento, um pão chamado de pão de cinzas, porque era assado na brasa, então claro que vinha um pouco de cinzas junto. Não tinha muito gosto, porque as vezes não havia sal para colocar ali.

O sal nessa época, mais um dado histórico aqui, o sal na maior parte das regiões que o Império Romano controla, é um bem preciosíssimo. Tanto que muitas pessoas recebem o seu pagamento em sal. Ele servia como uma moeda de troca, em muitas das regiões. É do sal que vem a palavra salário, porque era uma forma de pagamento que os romanos usavam para os seus funcionários, tanto davam como aceitavam o sal. Nessas regiões que não haviam prata, nem ouro fácil, eles sempre usavam outras formas de pagamento.

Então voltando para a vida das pessoas da época de Jesus, era assim a vida deles. Não vá pensando que havia tâmaras, que havia figos, não era assim não, as coisas eram muito complicadas,

Alguém aceitar a viajar no tempo de Jesus, e passar dois anos lá. Dormir no chão em cima de uma esteira?



Essa possibilidade é muito falada, que Jesus teria sido uma lenda, mas não. Já disseram que Jesus teria sido uma invenção dos pescadores do século primeiro, que Jesus teria sido alguém, que de um jeito ou de outro, era uma somatória de outros profetas daquela época, mas também não é verdade.

Jesus conseguiu mobilizar muita gente, que a gente de outra forma, não conseguiria entender, aquela mobilização ao redor do nome de Jesus não foi comum, principalmente se levarmos em conta uma coisa.

As pessoas dessa época eram muito pobres, a grande pobreza delas era também de informação, elas misturavam nos saberes cotidianos: lendas, ideias verdadeiras com ideias falsas, invenções, notícia falsa que alguém espalhou. O partido dos herodianos eram bons para espalhar mentiras, então o que eles faziam para desqualificar um adversário, falavam mentira e o povo acreditava. Chegou aqui um Arauto do Rei na praça pública de Nazaré e falou assim: todos os seguidores de Jesus de Nazaré, são pessoas da pior conduta, são pessoas da mais plena condição de perigo, e as pessoas tinham medo, então era uma vida muito difícil.

As casas não possuíam iluminação inclusive, e Jesus já fala sobre a iluminação com lâmpada de azeite, era para quem tivesse condições para comprar azeite, não pense que era tão fácil assim.

Jesus não é uma lenda porque nessa época de extrema pobreza, as pessoas morriam de medo, mesmo com tanta precariedade, morriam de medo de perder a liberdade. O Império Romano não brincava, ele era implacável, as tropas tinha também meta para captura de escravos, qualquer coisa era suficiente para captura escravos.

Os judeus que visitavam Jerusalém na época da Páscoa em cada ano, morriam de medo dos soldados Romanos irem lá, e implicar com a moça bonita, e querer leva-la, ver um filho de uma família, e levar ele para capinar o trigo do Egito para eles. Eles não tinham a liberdade que vemos nos filmes não. Era uma vida bruta e sofrida.

Então Jesus não foi uma lenda, porque conseguiu mobilizar muitas pessoas.



Sim, há sim. Iremos ver no curso do ano que vem de Cristologia, Suedônio, Tacito, Plínio Jovem, são escritores romanos do século 1 e 2, que falam de Jesus mas não sabendo quem ele era, um deles o chama de Crestos, ao invés de Cristo, eles não sabem diferenciar ali, e chamam de Crestos. O outro menciona o nome de Jesus, e os três mencionam Jesus de uma

forma desfavorável, não dá para pensar assim, foi um monge católico que foi lá e o elogiou Jesus, não é elogio.

Além disso, os judeus também produziram muitos problemas contra Ele na verdade, os fariseus. Os fariseus espalharam uma mentira sobre Maria, no século 2 e século 3, espalharam mentira sobre a pureza de Maria.

Os judeus escreveram no livro deles, no Tratado Sanhedrin, que o pai de Jesus seria um soldado romano chamado Pantera ou Pandera, essa é uma lenda, a qual Jesus é conhecido como Jesus bem Pandera. Então os judeus chamam Jesus, de Jesus filho de Pandera, que era um soldado romano que eles inventaram lá. E por que?

Como eles viram que todos estavam aderindo aos ensinamentos sábios, sagrados, aquela beleza toda que irradiava de Jesus, o pessoal do Templo não gostou, e inventaram mentiras a respeito Maria e sobre Jesus, essas mentiras estão escritas até hoje, no Tratado de Sanhedrin. Lá eles falavam que Jesus era um filho bastardo, que o pai era um soldado romano, não falam coisas boas de Nossa Senhora, e falavam muitas coisas complicadas, isso deu muito conflito na Idade Média, porque de repente alguém em um vilarejo ficava sabendo disso, e ficavam fora de si. Como poderiam falar uma coisa dessa, de Jesus é de onde acontecia muito problema para o lado deles, isso é fato.

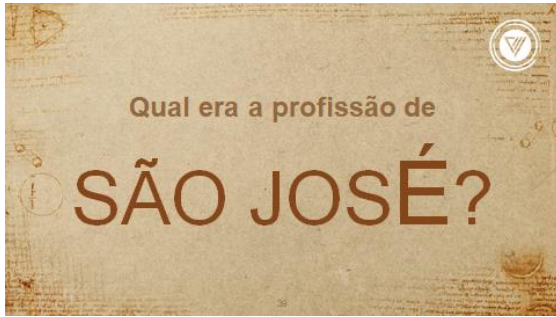
Os registros históricos envolvem aqui opiniões desfavoráveis sobre Jesus, tem alguém que fala que no livro Antiguidades Judaicas, do Flavio Josefo, é um livro que vem depois de Jesus, mas que fala de Jesus, que fala até um pouco bem.

O que os historiadores acham? Que pode ter sido um católico que pegou o manuscrito do Flavio Josefo e acrescentou ali, um católico lá de antigamente, daquela época, do século 4 talvez, e acrescentou uma opinião favorável de Flavio Josefo sobre Jesus.

Mas será que ele não pode ter escrito também? Ele fala alguma coisa boa do profeta que fazia sinais, fala isso, não se fala muito coisa não.

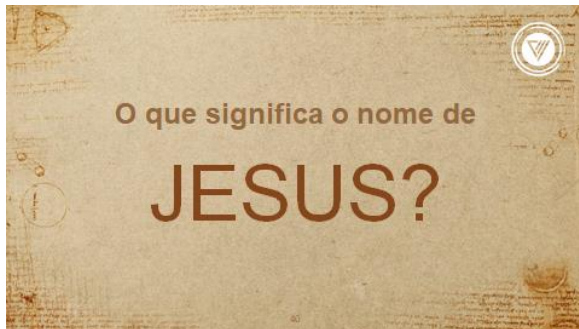
Então temos pelo menos cinco registros históricos sobre Jesus: Plínio Jovem, Suetônio, Tácito, que são escritores e filósofos romanos, e também o escritor judeu, Flavio Josefo. E o quinto é o Talmute da Babilônia, o Tratado de Sanhedrim dos judeus.

Então Jesus tem fontes históricas, sendo assim ele não é uma lenda. Nós sabemos que ele não é uma lenda, mas quando alguém vem nos falar que Ele não existiu e que era uma lenda, temos como explicar que constam fontes históricas falando dele, e não são os evangelhos, são obras de romanos e judeus.



A palavra em grego para o que São José fazia é **tekton**, significa muita coisa. Tekton significa arquiteto, significa pedreiro, significa carpinteiro, significa muita coisa possível. São José era tekton. O que isso significa? Pode ser que ele fosse mais que um simples carpinteiro. Tekton diz o que São José poderia fazer.

A tradição católica conservou a informação que ele era carpinteiro, mas podemos entender que um carpinteiro poderia entender de ferro, poderia entender de ferramentas, poderia entender um pouco de arquitetura talvez.



O nome de Jesus é uma variação muito interessante de um dos nomes mais famosos que os judeus sempre cultivaram que é o nome Josué. É do nome Josué que vem o nome Josias, que vem o nome João, que vem o nome José, e vem o nome Jesus. Então o nome Josué (Yoshua) é de onde vem o nome Jesus. Yoshua ou Joshua, são nomes que se sucederam que pouca mudança.

Primeiramente o nome de Jesus é um nome muito querido dos judeus, porque lá na memória coletiva deles, eles tinham um general que entrou naquele território antigamente e tomou a cidade do pessoal que morava lá, que era Josué.

Mas também temos aqui nesse nome, uma participação de Deus, quando vemos que é dividido em duas partes: YOS é uma forma de também dizer Yaweh, e aí temos um nome que também significa Deus é nosso salvador, ou Deus salva. É isso que significa o nome Jesus. Sabemos disso desde a época da eucaristia.

CANAL YOUTUBE CATEQUISTA EM MISSÃO COM ALTIEREZ DOS SANTOS



Isso é bastante debatido, nós sabemos que a família da Sagrada Família, a família de Jesus, era uma família extensa. Sabemos perceber isso embora não esteja tão diretamente explícito na Sagrada Escritura. Mas a tradição católica conservou algumas informações. A bíblia não fala que Santa Isabel é

prima de Nossa Senhora, é a tradição católica é quem fala. Também não fala que São João Batista é primo de Jesus, usa a palavra parenta, pode significar tanta coisa, pode ser tia, pode ser uma irmã de criação, pode ser uma sobrinha, do lado de São José, pode significar tanta coisa, mais a tradição católica entendeu que Santa Isabel e São João Batista são primos de Maria e de Jesus. Mas a sagrada família tem outras personalidades.

Lembrando que evangelhos apócrifos não são tradição, inclusive porque pegaram algumas coisas da tradição e escreveram outras coisas, na verdade a tradição é anterior a eles. Os evangelhos apócrifos são coisas colocadas muito depois da época de Jesus, então não podemos levar em conta algo escrito 200, 300, 600 anos após Jesus.

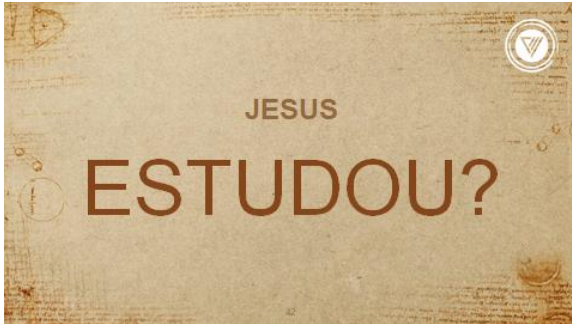
Mas a tradição católica conserva o dado de que Cleófas é irmão de São José, e Maria de Cleófas é uma espécie de prima irmã de Nossa Senhora. Cleófas e Maria de Cleófas tiveram alguns filhos, dos quais temos o nome de alguns nos evangelhos, como José, Tiago, Simão. E também a mãe do outro Tiago Maior e de João, que é Salomé, aliás o nome dela e do marido dela que é Zebedeu, estão colocados ali. Tanto Salomé, quanto José, Tiago o Menor, Simão, eles são primos de Jesus, porque Jesus é filho de Maria, o pai adotivo é José, e o irmão de José, que é Cleófas, é pai dessa turma. E Salomé ainda tem dois filhos que sabemos o nome que são Tiago Maior e João, ele é sobrinho primo de Jesus. Por isso são uma família extensa.

Há a possibilidade que até mesmo Pedro e seu irmão Santo André, sejam também de algum jeito, próximo a Jesus, pela proximidade, o respeito que Jesus tem com eles, é possível. Mas não temos dado histórico disso.

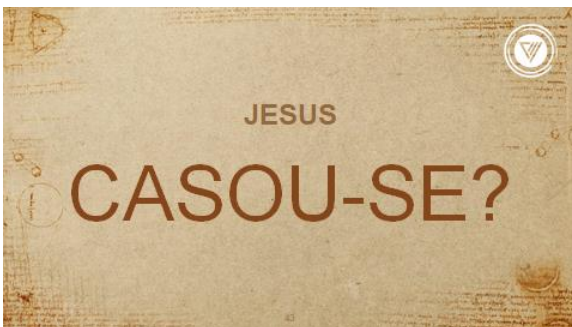
Havia uma palavra no começo do cristianismo, era a palavra Deposine, era uma espécie de sobrenome. Essa palavra Deposine, ou Desposine, indicavam aqueles parentes que Jesus teria tido que eram da sua família, claro deveriam ser os filhos dos seus primos, neto dos netos dos primos de Jesus. Nós tivemos dois papas Desposine, que era um sobrenome que foi colocado apenas para a família do Senhor. Inclusive o Imperador Romano uma vez quis conhecer os dois parentes de Jesus, mas chegando lá, fizeram eles irem até Roma, porque tinha medo que eles fizessem uma rebelião, mas viram que eram camponeses e mandaram eles embora.

Pelo menos dois papas do início do catolicismo, nós tivemos, Cleto e Lino, que eram provavelmente sobrinhos e netos dos primos de Jesus, não eram Bispos de Jerusalém, não era Tiago o Justo, Bispo de Jerusalém, mas veremos com detalhe isso no curso de Cristologia. Os

papas citados no evangelho são: Pedro (Mateus 16,18) ; Lino (2 Timóteo 4,21); e Clemente(Filipenses 4,3) .



Jesus é um mistério. Ele não estudou, não em uma forma que conhecemos hoje, ele não teve esse tipo de possibilidade. Jesus era um mistério, porque ele tinha uma sabedoria infusa.



Os apócrifos falavam que Jesus havia se casado. A Fatima Imaculada perguntou no chat, se o evangelho secreto de Maria então é fantasioso? E o Altierrez explicou que ele é uma ficção, o autor do Evangelho Secreto da Virgem Maria, chama-se padre Santiago Martin, um padre espanhol. Ele mesmo fala no início do livro, que é uma ficção, ele escreveu o que imaginou. Então ele não casou.

Uma observação paralela que o Altierrez fez sobre um comentário feito no chat, pelo Lourival Santana, que disse: “Os livros apócrifos não podem ser desprezados para quem quer estudar com seriedade e profundidade a história do cristianismo”. Foi de que os apócrifos foram escritos por igrejas paralelas a igreja cristã, os livros apócrifos não foram escritos pelas grandes igrejas católicas, um grande grupo que escreveu os livros apócrifos são chamados de gnósticos, que acreditam em reencarnação, acreditam que Jesus se casou, que Jesus teve filho, acreditavam que Jesus ensinava coisas erradas.

Falando como historiador e biblista, os livros apócrifos basicamente eram livros escritos por comunidades paralelas, que tornavam Jesus como um personagem emprestado. Eles não falam da tradição cristã, eles falam de outras narrativas que eles querem justificar. A palavra gnóstico, já carrega ali um sentido pesado, que é eu acredito em umas coisas que só eu sei aqui. Eu tenho os setes céus que Deus revelou para mim, o íon que foi revelado as derivações. Tudo isso não é uma doutrina católica, não é uma doutrina de Cristo.

Os evangelhos apócrifos não acreditam na trindade, não acreditam na divindade de Jesus, não dá para se levar a sério, pois foram escritos por quem? Comunidades marginais ao grande processo, a grande Igreja.

Tem um livro que fala bem da Virgem Maria... pode até ser, mas é uma fantasia piedosa. O pessoal gosta de citar o Procto Evangelho de Tiago que já estudamos, mas temos um mais amoroso a Maria e a Jesus, que é o Evangelho Árabe da Infância, é um evangelho até bonito, mas não tem sentido.

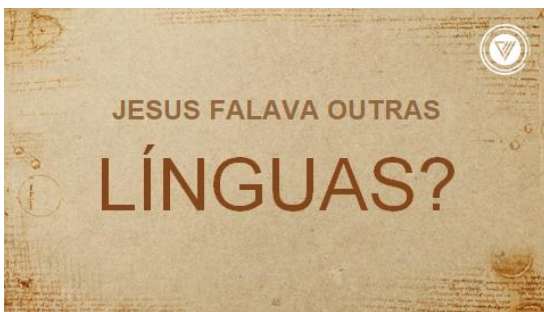
Então os apócrifos não são fontes de estudo para a história da igreja, são fontes de estudo de comunidades paralelas, que não são a igreja, que não estão com a igreja.

Quer ver onde estão os pais dos apócrifos? Leiam o capítulo 2 do Apocalipse, lá aparecem sete pais dos apócrifos, digamos assim, que são as heresias mencionadas por São João em cada uma das igrejas, Simonitas, Nicolaitas, Jezabelinos, falsas sinagogas.

O Fernando Sá, perguntou no chat, se nos Apócrifos conhecemos a mãe e o pai de Maria? E o Altierrez explica, que como já falado, os Apócrifos não são fontes, tem apócrifos que falam que os pais de Maria são outras pessoas. O Procto Evangelho de Tiago, pouco fala dos pais de Maria, fala que ela cresceu no templo. Eles sabiam que a tradição sabia das informações, mas fantasiavam demais.



Ele não teve filhos, apesar de que não seria problema ele ter filhos, seria uma benção, mas não teve.



Provavelmente falava sim, a língua dele era o aramaico, era a língua dos assírios, dos babilônicos, que colocaram por ali. E ele tinha que saber a língua do culto, que era o hebraico.



Sim ele tinha, ele sabia que era Deus.



Diferente do que o pessoal fala que Jesus não fez milagres, há alguns estudiosos que não sei qual base que eles usam para dizer que tudo isso é fantasia. Cuidado com pessoas que falam que tudo é mentira, e que falam que tudo é verdade. Porque tem coisas que são simbólicas, que são literais. Aonde está a justa medida é uma questão muito séria. Alguém

que nega os milagres de Jesus, e o outro que fala que está tudo 100% verdadeiro na bíblia. Não é verdade literal, é verdade teológica.

Jesus então fez milagre? Fez. Pelo menos um grande milagre nós sabemos que ele fez, que foi o grande milagre da Ressurreição, é claro que ele fez, porque se não as pessoas tinham se dispersado após a sua morte. Após a sua crucificação, ficaram com medo, ficaram trancados, e sabemos o que aconteceu... a sua ressurreição. Mas vamos supor que não somos católicos, o que será que aconteceu para que esse povo unir-se dessa forma, não ter medo de morrer, e de fato morreram mesmo. Não tem como uma notícia falsa fazer isso. Só pode ser um ato verdadeiro.

Os evangelhos, apesar de que pessoas não querem tomar como fonte, e não precisa, eu duvido muito que os evangelistas colocariam essas coisas como uma fantasia, dentro da lógica literária que eles colocam, eles poderiam colocar outras fantasias, como Jesus saiu voando por ali. Assim como os apócrifos fantasiam, os evangelhos canônicos não são fantasiosos, e alguma coisa aconteceu ali que não foi comum.



Sim fundou. A igreja não é uma imaginação, ela é um artigo de fé. A igreja é uma só, não são 55.000. O Altierrez fala que ele é ecumênico, mas que não pode deixar de falar, que a igreja é uma só, que tudo o que eu quiser fundar depois, a qual eu tenho direito de abrir na garagem da minha casa, por exemplo, Igreja de São Altierrez, não

desmerecendo o que os outros fizeram, mas não posso aceitar que é igual a obra de Jesus, seria muito alucinação. Lembrando que os nossos irmãos ortodoxos, por mais que muitos deles não tenham consciência disso, não tem problema, são a mesma igreja conosco, embora eles estejam ainda em uma situação ali digamos irregular, uma situação ainda resquícios do cisma que um dia não vai ter mais, porque preservam a igreja verdadeira dentro da essência deles. Mas a igreja é uma só.

E temos os irmãos da Primeira Reforma Protestante, que aos poucos estão voltando. Não é placa de igreja, nós aqui, eles lá. A igreja é uma só, mas graças a humildade de algumas pessoas ela se dividiu. Mas Jesus disse, e é mandamento, Ele falou e temos que obedecer: Sejam um, não sejam 55.000 entidades, sejam um, para que todos sejam um.



Sim, nós já sabemos que sim.

HISTÓRIA DA IGREJA – JESUS, O FUNDADOR – Conferência V – 13/03/2024

E para finalizar, a história de Jesus não cabe em uma hora de conversa, por isso teremos um curso a parte referente a figura fascinante de Jesus e tudo o que aconteceu ao redor dele. Por isso devemos procurar uma fonte séria. O livro Jesus uma biografia do padre Armand Puig é uma boa fonte. O livro Senhor Jesus de Larry W. Hurtado, é outra ótima fonte.


Pergunta que o Ricardo Christofolleti fez:

“Os evangelhos canônicos não foram pinçados desse monte de escritos, separando os que fizeram sentido entre a divindade e a humanidade de Jesus, excluindo os demais classificando-os como apócrifos?”



Respondendo: Não foram, os quatro evangelhos canônicos que nós temos, provavelmente eram cinco, uma história que veremos um dia, os quatro evangelhos tem expressão do século primeiro, tem mentalidade do século primeiro, e eles são basicamente um modo de pensar aramaico sendo colocado em grego, caso clássico de Marcos. Pensado em aramaico faz muito sentido, porém escrito em grego, sabemos que foi escrito no século I, uma coisa muito antiga.

Agora os apócrifos tem escritas dos séculos terceiro, quarto, quinto, são coisas com 300 anos de distância. Tem ideias gregas de reencarnação, tem ideias gregas de fantasia, de feitiço, Jesus ensina a fazer feitiço para o amor, isso não existe, não é ideia nem judaica. Por isso os evangelhos apócrifos não são fonte realmente.

Existe algum apócrifo católico? Não é bom chama-los de católico, temos alguns livros que são católicos e não entraram na bíblia, como as cartas de Clemente, por exemplo, as cartas de Inácio, por exemplo. Aliá a palavra católica, o registro mais antigo que existe para a palavra católica está na carta de Santo Inácio escrita por volta do fim do século I, mas uma versão que temos dela é do ano 108, 109, é a carta que ele escreveu aos tralianos, habitantes da Trália, e lá ele diz, a Igreja é una, Santa e católica. Isso não apócrifo, é escrito católico.



Referências




GASS, Ildo Bohn (org). Uma introdução à Bíblia: formação do império de Davi e Salomão. São Leopoldo-RS: CEBI; São Paulo: Paulus, 2005.

DONNER, Herbert. História de Israel e dos povos vizinhos. Tradução de Claudio Molz e Hans Trein. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

KAEFER, José Ademar. A Bíblia, a arqueologia e a história de Israel e Judá. São Paulo: Paulus, 2015.






KONINGS, Johan. A Bíblia: sua origem e sua leitura. Petrópolis: Vozes, 2014.



NAKANOSE, Shigeyuki. Uma história para contas: a páscoa de Josias –metodologia do Antigo Testamento a partir de 2Rs 22,1-23,30. São Paulo: Paulinas, 2000.

SCHWANTES, Milton. História de Israel: local e origens. S/L: Editora Com Deus, 1984.

SILVA, Airtón José da. A história de Israel e Judá na pesquisa atual.2018. Disponível em: <https://airtonjo.com/site1/a-historia-de-israel-e-juda.htm>. Acessado em 29.mai.2023



AltierrezDosSantos.com